

FUROS , REMORSOS , TRANSPORTES ,

E

DELIRIOS DO TYRANO ,

E

FALSARIO

NAPOLEAÕ.



FURORES , REMORSOS , TRANSPORTES ,

E

DILIRIOS DO TYRANO , E FALSARIO

N A P O L E A Õ.

**O** H Furias infernais ! Odios , vinganças  
A minha Alma occupai , fazei que sejam  
Ainda mais fatais que o fogo ethéreo  
As terriveis idéas que fulmino.

Lgrimas , sangue , estrago , fogo , e morte  
Espalhe a minha voz pelo Universo ;  
Qual raio estragador , reduza a cinzas . . . .  
Mas onde o meu rancor me precipita ?  
Que delirio perturba a minha mente !  
Onde existe a razão de tantos males ?  
Onde a origem fatal de tantos damnos ?  
Ceos ! . . Que enorme terror me esfria o sangue !  
Que desgraças avisto ! que ruínas !  
Em que scenas de horror vou envolver-me ! . . .

E devo eu offuscar a minha gloria ,  
Cedendo aos tristes brados da innocencia ,



Da geral oppressão que activo elevo ! . .

Quem tem hum coração inda mais duro ;  
Que o ferro com que extingue a humanidade ;  
E huma Alma propensa a torpes crimes ;  
Quem sempre desprezou as Leis da honra ,  
Quem tem atropellado as da Justiça ,  
Sem nunca respeitar as mais sagradas ,  
Deve fraco temer futuros raios ?

Recear punições de seus delictos ? . .

Oh raivas ! oh furor ! vinganças , iras  
Armai os braços meus. Caião por terra  
Essas bravas Nações que inda respirão  
Isentas dos grilhões que lhes preparo.

Qual a soberba Roma , alto colosso , (1)  
Que ostentava o poder do Christianismo ,  
Caião . . . Porém que força occulta impede  
Excessos de rancor que me extasião ? .

Que intensa dor me opprime , e me suffoca  
Que negra agitação a luz me offusca ? . .

Oh remorsos crueis ! fataes remorsos !

Já

(1) Roma foi hum dos objectos que mais attrahio as ambiciosas vistas de Bonaparte , que dirigindo-se a ella pérfida , e apressuradamente , apenas tranzitou , a deixou despojada das grandes riquezas , que a maior parte das Nações alli tinham enviado , demonstrando a sua affeição á Igreja Romana.



Já mais vós podereis curvar minha Alma;  
Minha Alma, que a maldade tem por Nume;  
Que só deleite encontra nos estragos  
Das immensas Nações que deslacara.

O meu nome soará no mundo inteiro  
Com espanto, e terror da humanidade.  
De Atila, e Nero a fama se escurêça:  
A minha crueldade exceda a sua  
Tanto, quanto a ambição em mim se excede.

Ah! se ante mim reunir quizesse o Fado  
Quantos povos abrange em si o Globo;  
Se entre as ferozes mãos, que movo irado,  
Seus rubros corações haver podesse;  
Então, com que prazer! me saciára!  
Então, qual voraz Lobo entre Cordeiros,  
Incendido em furor, cevando as iras,  
Trincára vezes mil quentes entranhas,  
Bebendo, a largos sorvos, sangue humano,  
Que projecto espalhar de hum Polo ao outro.

Mas ah que isto não basta! os meus desejos  
O Céu parece quer deixar frustrados,  
E cruel me abandona! . . . Oh desacordo!  
Que terriveis blasfêmias bulbucio! . . .  
Chamar cruel ao Ceo que hei ultrajado,  
Cujo immenso poder, cuja justiça,  
A' face dos Altares, das Imagens



De hum Deos Onnipotente , que me escuta,  
 Eu , inda mais Athên , que os Atheos impios ,  
 Com brado insultador , com voz perversa ,  
 Negar , escarnecer mil vezes soube ! . .

Ah que a minha soberba me confunde !  
 Meus crimes expiar , oh Ceos ! eu devo.  
 A minha maldição não tem limite !  
 A' cólera de hum Deos não ha refugio ;  
 A cólera de hum Deos assaz mereço.

Eis o fructo de pessimos delictos !  
 Remorsos , afflicções ; sustos , horrores  
 Me perturbão , confundem , me exesperão ,  
 E me fazem trêmer , qual tenro arbusto ,  
 Que os sôpros de Aquilão por terra lanção.

Avareza , Avareza que devoras  
 Meu fero coração , meu cruel peito ,  
 Tu me tens elevado ao maior auge  
 De perfidia , e poder , de odio , e maldade.

Eu que do pó surgi , surgi do nada ,  
 Que no seio da infima pobreza  
 Os tenros annos meus passava occulto ,  
 Mergulhado no vil esquecimento ;  
 Que desprezando até altos commandos ,  
 Não contente de ouvir soar meu nome ,  
 Entre o de outros Heroes de igual principio ,  
 Que Anarchia fatal , fatal Egoismo ,



A impulsos de impiedade engrandecêra;  
 Ousado, entrepreendi sufregamente  
 Sobir, como sobí, ao Consulado:  
 Eu que tanto aterrei a Italia, o Egypto,  
 Que á França victimei, com arduos feudos,  
 Hespanha, Portugal, Suissa, Hollanda,  
 A Alemanha, e a Prussia, e todo o Norte,  
 Que fiz estremecer, que não pudérão  
 Ainda subjugar as traições minhas:  
 Em que por meios sempre abominaveis,  
 Sobre minha cabeça firmar soube  
 Essa C'roa Imp'rial á França odiósa  
 No tempo, infausto tempo, em que inundado,  
 Se vio o seu paiz, do proprio sangue (1)  
 De seus rebeldes Cidadãos, armados  
 Co' as armas com que irosos defendião  
 A sua liberdade, detestando  
 Monarchico poder, que hoje supportão,  
 E que austero sustenta hum braço estranho:  
 Eu que athé consegui, em aureos Thronos

\* 4

Co-

(1) He digno de irrisão ver que a Nação Franceza attentando contra a vida do seu Rei, e tendo-se prestado aos mais sanguinosos sacrificios para manter a liberdade a que aspiravão ignominiosamente está ao presente gemendo debaixo do governo violento, e tyrannico de hum Imperador estranho.



Collocar meus Irmãos, desthronizando  
 Infelizes Sob'ranos que hei trahido,  
 Deveria exigir mais da Fortuna? . .  
 Devia ambicionar maior grandeza? . .  
 Oh erro! oh destino! oh vão projecto  
 Que tanto o precipicio me aproxima!  
 Que tanto denegriz as acções minhas!

Já creio ver a turba dos contrarios,  
 Que meu odio, e traições tem attrahido,  
 Affrontar-me, ferir-me, agrilhoar-me,  
 E ligando-me ao carro do Triumpho,  
 Arrastar-me, com fêrvida ignomínia,  
 Pelas ruas das Cortes que hei tornado  
 Victimias da ambição que em mim se atêa.

Já de hum e de outro lado me circulão  
 Sombras, e spéctros horridos fantasmas,  
 Pavorózas visões dos desditosos  
 Que a meus impios rigores succumbirão.

Os ternos ays, os fúnubres gemidos  
 Dos míseros mortaes que hei victimado  
 A's perfidias, com que se engrandecerão  
 Meu nome, e meu poder, e minha gloria,  
 Me parece escutar! . Que avisto creio  
 A turba de innocentes, que me implora,  
 Erguendo as mãos ao Ceo, dó, e piedade;  
 E que Eu, qual feroz Tigre, despedaço,



Surdo aos tristes clamores da desdita! . . .

A minha intrepidez me desampara. . .  
Desmaia-se o valor que me ennobrece. . .

O chão . . . sinto fugir . . . não firmo os passos. . .

Eu caio. . . Eu me sepulto. . . Oh Deos! Valeime!

Oh Deos! oh grande Deos! . . . Ceos! Eu desperto!

Que estranha confusão, delirio, ou sonho

Minha alma amedrontou? Que tenho eu dito? . . .

Eu recorrer a hum Deos! . . . Eu fero, eu impio

Exigir compaixão! . . . Oh vil lethargo,

Que tanto os meus sentidos transtornaste!

A minha perdição he certa, he certa;

O sangue das Nações que hei dessolado,

Fumegando ressurgue dos abysmos,

E meu odio fatal, minhas maldades

Affronta, maldiçôa, exige estragos,

Que a justiça dos Ceos em mim desfeixa.

He tarde, são inúteis os remorsos,

Que de continuo o peito me consternão

Não pode o mesmo Deos que tudo move

Meus crimes perdoar, falsários crimes,

Que o fogo abrazador do escuro Averno

Saberá expiar, sendo punidos

No seio da tremenda eternidade.

Se igual a Lucifer Anjo maldito

A impulsos de soberba e tyrania

Me



Me quiz assemelhar ao Deos superno,  
 Sacrílego arrogando os epithétos,  
 Com que á força de orgulho, e despotismo  
 Me fiz denominar em toda a Europa,  
 Affrontando de hum Deos a sob'rania,  
 O supremo poder, a immensa gloria;  
 Se me inculquei aos povos submettidos  
 Por pérfidos enganar, que traçara,  
 Com que pude illudir tão largos tempos,  
 Profeta, e Redemptor dos Mahometanos, (1)  
 E das cultas Nações, que o Ceo respeitão  
 O Todo poderoso, o Omnipotente (2)  
 Dominador da Europa, e vasto mundo;  
 Pode accaso raiar em mim a esp'rança  
 De fructíferos serem meus remorsos? . .

Ah! longe de o pensar, eu me condemno;  
 O perdão Divinal já mais merece  
 Malvado transgressor de Leis sagradas.

Meu futuro será ao mundo horrivel;  
 E respirando furias espantosas,

Car-

(1) Assim quiz cathequizar os animos dos povos Egiptios, persuadido de que a sua impostura sendo facilmente acreditada pela ignorancia, lhes franquearia meios de estabelecer alli hum vasto imperio.

(2) Estes os epithetos escandalosos que se apropriarão a Napoleão, nos papeis que por desgraca vimos impressos.



Carregado de viz atrocidades,  
Impávido entrarei medonho Inferno  
Occupando lugar entre os malditos.

Portugal, Portugal, Escolho enorme  
Aonde naufragou meu despotismo,  
Treme de meu furor, das minhas raivas;  
Teus povos sofrerão tantos estragos,  
Quantos na acceza idéa te destino;  
E se has sido a cauzal de sacudirem  
Os pezados grilhões, Nações escravas  
De meus vastos projectos, se ludíbrios  
Tu tens feito chover sobre meu nome,  
Pondéra qual será minha vingança!

Lisia, que ha visto recuar sem pejo  
Meus guerreiros, oh Furias! que a impostura  
A intriga, a multidão fez crer aos povos  
Se não invulneraveis, invensíveis,  
Lisia, digo, será theatro infausto  
De ruinas, de estragos sanguinosos.  
E apenas lá nos seculos vindouros  
Se poderá dizer, = Aqui foi Lisia =.

Terás, oh Portugal, a mesma sorte  
Que Carthago sumio no cáhos dos tempos.

Mas que novo dilirio me allucina?  
Que penso? Que medito? Em vão projecta  
Minha alma maquinar os teus destroços;

Qual



Qual tu foste, tu hes, e serás sempre; (1)  
 Hum Deos te patrocina, hum Deos te escuda;  
 Nas promessas de hum Deos, hum Deos eu vejo:  
 Tua fama e esplendor dos Ceos dimana  
 Tentar os teus estragos me sepulta  
 No abysmo infernal de meus furores.

Ah! quanto denso foi o véo terrível  
 Que meus olhos vendou, quando pensava  
 Os Luzos destruir! Felices povos  
 Que afferrados ás Leis dos seus maiores,  
 E mantendo a pureza dos costumes,  
 Não temem succumbir a estranhas forças,  
 Confiando no Deos que os auxilia.

Santa Religião, que firmes seguem,  
 Lhes vigora da patria a liberdade;  
 Ella os faz odiar os viz sequazes  
 De seitas que perversos hão formado,  
 Que alumnos da maldade vulgarisão.

De alliados fieis, fieis amigos,  
 Invencivel barreira oppõem áquelles  
 Que intentão perturbar a gloria sua;  
 Como filhos submissos, extremosos  
 Respeitão, amão Principe que os Rege;  
 Nada pode abalar o nobre aferro,

Que

(1) Imitação de hum verso do immortal Bocage.



Que têm ao seu Monarcha, homem ditoso;  
Que em tão fiel Nação tranquillo impera!

Oh Nação, das Nações a mais brilhante!  
Será teu nome eterno, eterna a infamia  
Com que manchas meu nome, e as acções minhas;  
Publicando as traições, estragos, mortes,  
Que o Imperio Francez, tanto odioso  
Lhes soube accumular, lhes promettia.

E tu Ilha soberba que blasónas  
De imperar the nos mares mais distantes,  
Frustrando vezes mil os meus designios;  
Se escarneces, se ultrajas, se aniquillas  
A' face das Nações minha memoria;  
Se triumphas de meus activos tramas,  
Não gozarás tranquilla os teus prazeres;  
Pois que se saciar em ti não posso  
Meu funesto rancor, minha vingança,  
Ao menos na oppressão, no immenso estrago  
Das Nações que amisade te dedicação,  
Firmarei para sempre o teu flagello;  
Teu flagello! . . . Que digo? . . . A tua gloria;  
De balde as minhas iras te praguejão;  
Contra ti nada valem meus esforços;

Já minhas persuasões, meus ameaços  
Não abalão os animos dos povos;  
Machinando teus damnos, teus estragos,



*Frederico Pinheiro Guimarães*  
*Leandro*

❁ 14 ❁

Eu mesmo sugerí tua opulencia,  
E novas forças dei aos teus manejos:  
Hoje, oh fúrias! apenas só me resta  
A minha exesp'ração, furores, raivas  
Que hum detestavel fim me vaticinão.

F I M.

POR F. I. J. C.

---

L I S B O A:  
NA TYPOGRAFIA LACERDINA  
Anno 1808.

*Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*